

A REDEMPÇÃO

FOLHA ABOLICIONISTA, COMMERCIAL E NOTICIOSA

Redactor-chefe Dr. Antonio Bento

SAE DOMINGOS E QUINTAS

NUMERO AVULSO CO RÉIS

ANNO I

REDAÇÃO
LARGO 7 DE SETEMBRO
Propriedade de uma Associação

S. Paulo, 14 de Agosto de 1887

ASSIGNATURAS
CAPITAL E PROV. POR MEZ 500 rs.
Pagamento adiantado

N. 62

EXPEDIENTE

E' nosso agente em toda provincia o sr. F. d'Almeida Garrett.

Pedimos aos nossos assignantes do interior o obsequio de nos envirem o importe das assignaturas pelo correio.

Os Srs. assignantes poderão deduzir o importe do correio.

Toda a correspondencia relativa á parte economica desta folha deve ser dirigida a DINIZ & SOL, typographia UNIÃO.

A REDEMPÇÃO

S. PAULO, 14 DE JUNHO DE 1887.

O senado

II

Foi no senado, que José Bonifacio proferiu a memoravel oração de 19 de Junho de 1838, o primeiro falan do novo sistema por elle dado á patria, da campanha empreendida em prol da regeneração da patria, combatendo a escravidão, depois de ter fatigado toda a sua actividade em pugnar na arena partidaria pela verdade do systema consitucional representativo.

Foi no senado, depois que o sr. João Alfredo indicou á corôa o successor do gabinete Dantas, que José Bonifacio systematisou os golpes decisivos, contra a escravidão, começando por suspeitar no sr. Saraiva antecipação do sr. Cotegipe e presidente do conselho de ministros, o proprietario de escravos, servindo-se do poder publico para gerir a causa propria, reduzindo a actual, o jus sacrum do captiveiro a medonho crime da nossa civilização e pungente nodão das insignias nacionaes.

Cansado de profligar situações contraditorias e indecifráveis e apontar os

desarranjos do systema, clamando contra os ministros responsaveis, sem responsabilidade effectiva, resguardando sempre a magestade da corôa, José Bonifacio, achou emfim o segredo da desorganização geral do paiz, na desigualdade e desequilibrio, gerados pela escravidão e já velho e doente, quiz em poucos dias combater e lutou na realidade, com o vigor, correspondente a somma de toda a energia até entao consagrada ao serviço publico, contra a verdadeira causa da desgraça da patria.

Modelo de honra, de patriotismo e abnegação, esqueceu-se de si, absorvido pelo dever, e depois de ter dito que os homens publicos não são sombras que passam, mas projecções brilhantes do pensamento nacional, accendo todas as energias de um talento colossal, illuminando a tribuna da camara vitalicia, com esses primorosos discursos, os mais notaveis do ultimo periodo parlamentar, legando-os aos amigos do systema consitucional representativo, como um patrimonio intellectual que os pudesse guiar nas difficuldades do presente e incertezas do futuro.

Respeitemos portanto o senado, em cuja tribuna o evangelista da libertação começou a morrer, amargurado pela victoria da fusão da força e a rejeição das emendas restabelecendo a verdade da segunda lei de 23 de Setembro.

Foi elle, quem deo á historia, dados seguros para estabelecer o contraste entre a enfermidade do barão de Cotegipe, fugido do senado para não responder aos seus discursos sobre o recrutamento de ilhéos, e os negocios de Goyaz, e a saude agora preservada dos insultos asmaticos, apesar da questão militar, das agonias da molestia imperial, e do ultimo voto do senado!

Antes de se deve, a José Bonifacio a organização dessa tremenda opposição parlamentar, que pela sua voz fez calar o governo, na discussão do orçamento do ministerio da justiça na sessão passada.

E' essa opposição de que elle se constituiu na tribuna o centro de atracção e direcção, como um remedio heroico para a salvação do systema consitucional representativo, enfermo e em crise permanente, a que esta continuando a tarefa começada, respeitemos, pois, o senado.

Falta o chefe immortal, da patriótica opposição parlamentar, mas ali ficaram suas doutrinas e seus exemplos, o que sempre é não esquece-os.

Antes de invocar os argumentos com que elle demonstrou em que condições o senado faz politica, responderemos ás censuras que ha poucos dias soffreu essa augusta corporação.

Admirou-se a imprensa de que a camara

ra vitalicia, tendo votado a moção de 6 de Agosto, concedesse a passagem do orçamento do ministerio da justiça.

Trata-se de uma lei, de meios, sem a qual, governo algum pode agir o paiz e a natureza do pedido, é a justa medida do procedimento do ramo vitalicio do corpo legislativo.

A esta razão junta-se outra; votando a moção de 6 de Agosto, o senado suspendeo a discussão, exactamente desse projecto de lei, provavelmente para que o poder moderador e a camara temporaria, pezassem a influencia do seo valor moral, já que se quer que não seja politico.

Tanto a camara temporaria com a sua moção insultuosa e annullante das ficções constitucionaes, pelo discurso que a fundamentou, como o poder moderador, mantiveram o gabinete na direcção do governo.

O que cumpria fazer á camara vitalicia, que não derriba ministerios nem dissolve situações?

Pois ella que denuncia o desequilibrio dos poderes publicos pela politica de usurpações do executivo, limitando-se a dirigir um convite e que reconhece, só exercer influencia politica pelos tranzites mediatos, devia negar a lei de meios, impondo a retirada do ministerio?

Para responder, cumpre distinguir, entre os casos ordinarios e os extraordinarios, de que fallou o sr. Zacherias, em 13 de Junho de 1838 e o juiz dessa situação é o proprio senado que assume a responsabilidade da sua resolução desesperada e mede o grão da anormalidade.

Só o senado é o competente para livremente resolver-se a annunciar ter ido a hora em que na sessão de 23 de Setembro de 1838, o sr. Zacherias, em 13 de Junho de 1838 e o juiz dessa situação é o proprio senado que assume a responsabilidade da sua resolução desesperada e mede o grão da anormalidade.

Como consequencia da doutrina de negar á corôa a prerogativa de iniciar a alteração das situações politicas, sustentou tambem o nobre senador uma maxima que denominou santa, a saber: «o rei reina, não governa»

Senhores, o rei reina, e não governa, é primeiro que tudo, uma locução que não tem sentido; reinar é governar, e governar com imperio. Essa maxima importa, portanto, o mesmo que o rei governa, mas não governa.

O rei reina e não governa, é maxima contraria á nos-a Constituição. O monarcha é o chefe do poder executivo; tem como tal o direito de discutir com seus ministros e de indicar-lhes o que lhe parecer melhor; se estes adoptam a opinião da corôa, desde logo a fazem sua e respondem por ella; se não a aceitam e a corôa se recusa a adoptar a delles, fica-lhes o recurso de se demittirem. São estes, em

debaixo do nome de Phineas Fletcher. Phineas era alto, e magro, de cabelo russo, e sua physionomia exprimia a finura e a astucia. Não era o rosto inoffensivo, placido, e contemplativo de Simião; pelo contrario, o recém-chegado era notavel pelo seu ar experte, e a quem nada escapava. Vio-se, á primeira vista, que era um homem que se vangloriava de saber tudo o que fazia; tendo um go'pe de vista que nunca o enganava. Estas particularidades formavam um singular contraste com a sua phraseologia sectaria e severa.

O nosso amigo Phineas descobrio uma cousa importante para ti, e para os teus, Jorge, diz Simião; fariam bem de o ouvir.

Com effeito, diz Phineas, agora tive a prova da vantagem que se tira de dormir só d'uma orelha em certas occasiões, como diz o rifão. Hontem á noite parei n'uma pequena estalagem isolada, sobre o caminho, na mesma, bem te lembrás, Simião, aonde o anno passado vendemos maçãs a uma gandanchuda que trazia uns enormes brincos nas orelhas. Estava cansado do caminho, e, depois da ceia, estendi-me sobre uma pilha de saccos, a um canto da casa, cobrindo-me com a minha pelle de bufalo, enquanto me preparavam a cama. E que outra cousa podia eu fazer senão dormir profundamente, pois que estava cansado?

Com uma orelha sempre á escuta, não é verdade, Phineas? diz Simião tranquillamente.

Não; dormi das duas orelhas, durante uma, ou duas horas, porque não podia realmente commigo; mas, quando

é o governo das maiorias, que não admitta a supremacia da vontade de um só, e que, portanto, não se póle admittir que a vontade da corôa possa só por si mudar uma situação, sendo preciso que outras vontades concorram para isso. Quaes devem ser as outras vontades? Perguntarei: A da camara ou a dos ministros? Se for a dos ministros, importaria isso deixar nas proprias mãos o direito de se perpetuarem no poder. Se for a vontade da camara, desde que ella é feita pelo ministerio (como sustenta o nobre senador) é claro que o resultado será o mesmo. Quer de uma maneira quer de outra, uma situação dada nunca se poderá mudar por mais nociva que seja aos interesses nacionaes; a corôa não terá meio de conseguil-o.

Allegou-se que não haveria risco em se lhe conservar essa prerogativa, se houvesse liberdade de voto, se a eleição fosse entre nós uma verdade. Mas, senhores, desde quando começaram as camaras a ser feita do governo?

Eu não nego, sr. presidente, antes reconheço que em todos os tempos se tem abusado e se ha de abusar das leis feitas para manter a liberdade do voto; mas nunca deduzir d'ali motivo para considerar illegitimas as camaras eleitas. E se se quiser levar as cousas a esse ponto, tambem se poderá dizer: que nenhum de nós é legitimo representante da nação (Apoiados).

Não é a corôa quem definitivamente muda as situações politicas. E' a nação que decide a mudança (Apoiado); quem decide é a nação. Se a corôa nomeia um ministerio, e para sustental-o dissolve a camara, appella da camara para a nação, e esta quem decide e muda a situação.

Como consequencia da doutrina de negar á corôa a prerogativa de iniciar a alteração das situações politicas, sustentou tambem o nobre senador uma maxima que denominou santa, a saber: «o rei reina, não governa»

Senhores, o rei reina, e não governa, é primeiro que tudo, uma locução que não tem sentido; reinar é governar, e governar com imperio. Essa maxima importa, portanto, o mesmo que o rei governa, mas não governa.

O rei reina e não governa, é maxima contraria á nos-a Constituição. O monarcha é o chefe do poder executivo; tem como tal o direito de discutir com seus ministros e de indicar-lhes o que lhe parecer melhor; se estes adoptam a opinião da corôa, desde logo a fazem sua e respondem por ella; se não a aceitam e a corôa se recusa a adoptar a delles, fica-lhes o recurso de se demittirem. São estes, em

minha opinião, os verdadeiros principios do nosso systema de governo.»

O senado, votando contra um periodo da falla do throno e anno passado, fixando o precedente das moções na questão militar para dar uma formula parlamentar ao exercicio de seus direitos, e votando a de 6 de Agosto, tem por escalas, assignalado a crise das instituições, caracterizando a situação extraordinaria que atravessa o paiz.

E' na razão progressiva do crescimento de sua intensidade que o senado irá redobrando de energia, até o dia em que tenha de exclamar: este é o nosso procedimento, succeda o que succeder!

Mas na hora em que o fizer, a ninguém é dado prever as consequencias que poderão advir!

O senado caminha com prudencia até na energia, que é a calma e rectidão no movimento, deixando descoberta ao paiz a regencia, apoiando os avisos do governo, como chefe do poder executivo e inspirando-se no voto da camara temporaria, para como delegada interina do poder moderador, entender que não ha desequilibrio entre os poderes publicos.

Senado e realza, camara temporaria e governo, ficam cada um em sua justa esfera, e a nação juiz de todos decidirá na hora suprema, a quem coube a dedicação e o sacrificio pela patria.

A attitudão do senado não lhe impede de redigir outras moções e annunciar novos crimes.

A crise continúa nhal-a em sua marcha

Castigos

E' preciso que se acabe de vez com o systema antigo e barbaro usado pelos fazendeiros estupidos, que castigam barbaramente seus escravizados, carregando-os de ferro, matando-os á fome e á nudez

Todos os dias recebemos denuncia de diversos lugares, relatando scenas barbaras praticadas por esses individuos denominados fazendeiros.

Ainda ha poucos dias libertamos uma preta de nome Joaquina, que pertencia a um fazendeiro titular e rico.

Essa infeliz amamentava com o seu leite uma das filhas desse fazendeiro, e conta a quemquer ouvir, que quando carregava a criança a quem amamentava trazia muitas vezes na bocca um freio de paio.

Eis aqui o que se póde chamar—o cumulo da málvadez.

despertei um pouco, apercebi-me que havia no quarto muitos homens, que bebiam, e fallavam, assentados á roda de uma mesa. Disse commigo que, antes de me mostrar, não seria máo conhecer o objecto da conversa; porque acabava de ouvir pronunciar a palavra quacker.

Devem estar infallivelmente em casa dos quackers, diz um d'elles.

Escutei então dos meus dois ouvidos, e ouvi que era de ti, Simião, que se tratava. Ouvi-lhes desenvolver todos os seus p'anos.

O rapaz, disiam elles, será enviado ao Kentucky, a seu antigo senhor, que fará d'elle um exemplo, capaz de tirar a vontade aos outros escravos de se escaparem d'ora em diante! Quanto a sua mulher, dois d'entre elles contam conduil-a á Nova-Orléans, e vendel-a por sua conta, ganhando, calculavam elles, de mil e eis centos, a mil oito centos dollars; o filho havia já sido vendido a um mercador de escravos. Jim, e sua mãe, devem igualmente ser restituídos a seu senhor.

Disseram mais, que dous constareis de uma pequena cidade visinha deviam acompanhal-os, e que a rapariga seria conduzida perante um juiz. Um delles, um homemsinho, de palavras adocicadas, obrigou-me mesmo a jurar que ella lhe pertencia.

Descobriram o caminho que devemos seguir esta noite, e são seis, ou sete que devem perseguir-nos. Agora é necessario resolvermos o que ha a fazer!

(Continúa)

FOLHETIM

(62)

STOWE

A CABANA DO PAE THOMAZ

CAPITULO XVI

A nova senhora de Thomaz, e as suas opiniões

Leio-lhe depois a Biblia, e elle explica-me as melhores passagens, e assim passamos o tempo bem contentes, asseguro-lhe...

— Isto é galante! exclama Maria, com um riso forçado.

— Thomaz não é máo interprete da Biblia, estou certo!

Querendo fazer sellar o meu cavallo esta manhã cedo, subi ao seu circulo por cima da estrebaria, e ouvi-o que fallava os suas orações em voz alta. Não é possivel fazer idéa da simplicidade e fervor das suas preces! Intercedia por mim, pobre pagão, com um zelo inteiramente apostolico!

— E' porque sabia que o escutavas, diz Maria. São finuras que todos elles conhecem!

— N'esse caso, não mostrava lá muita fiatura; porque exprimia livremente a Deus a sua opinião a meu respeito! Parecia acreditar que havia decididamente necessidade d'algumas melhoras em mim, formulando vehementes desejos da minha conversão.

— Espero que fará attenção aos seus des-jos! diz Miss Ophélie.

— Aposto, minha prima, que tambem é da opinião de Thomaz a meu respeito? Pois bem, digam o que quiserem!

CAPITULO XVII

A resistencia de um homem livre

Um extraordinario movimento se fazia notar pela volta da tarde em casa dos quackers. Rachel Halliday, andando, quasi sem se sentir, ajuntava, d'aqui e d'a acolá, todos os objectos uteis aos fugitivos, e que podiam reproduzir-se a minimas dimensões. O véo da noite começava já a estender-se do lado do Oriente. O sol, semelhante a um largo globo vermelho, havia-se demorado, melancolico, no horizonte; seus dourados raios illuminavam o pequeno quarto em que estavam assentados Jorge e sua mulher, apertando-se a mão mutuamente, e com o filhinho entre si. Ambos pareciam comovidos, notando-se em seus rostos os signaes de recentes lagrimas.

— Sim, Elisa, diz Jorge, sei que tudo o que dizes é verdade. Tu és melhor do que eu; procurarei seguir os teus conselhos: quero tornar-me digno de ser um homem livre; quero ser christão. O Deus omnipotente sabe que tenho boas intenções; que fiz tudo o possivel para me conduzir bem, quando tudo me era contrario. Agora quero esquecer o passado, e banir todo o sentimento de odio, e de amargura; quero ler a minha Biblia, e aprender a fazer o meu dever.

— E quando chegarmos ao Canadá, diz Elisa, poder-te-hei ajudar; porque

sou boa costureira, sei lavar e engomar, e entre nós dois poderemos ganhar a nossa vida.

— Sim, tudo irá bem, com tanto que pertençamos um ao outro sómente, e que tenhamos o nosso filho. O' Elisa! se sou bemsem que felicidade é para um homem sentir que sua mulher, e seu filho lhe pertencem! Admirarei-me muitas vezes, vendo aquelles que podiam dizer: a minha mulher, e meus filhos pertencem-me, atormentarem-se por outras! Sinto-me forte, sinto-me rico agora, posto que não tenhamos mais que o trabalho de nossas mãos, e parece-me que não ousarei p dir a Deus mais nada!

Sim, tenho trabalhado rudemente durante todos os dias da minha vida, chegando á idade de vinte e cinco annos sem possuir um real, sem ter um tecto que me abrigue, sem ter uma patria que possa chamar minha; mas, se chegar a ser livre, terei tudo isso que até agora me tem faltado! Trabalharei, e enviarei o dinheiro para te resgatar, a ti e a teu filho; porque, quanto ao meu sensor, o meu trabalho valeo-lhe vinte vezes o que deo por mim, não lhe devo nada.

— Mas ainda não estamos fóra de perigo, diz Elisa; ainda não estamos no Canadá!

— E' verdade, responde Jorge; mas parece-me respirar já o ar livre, sinto-me forte como um leão!

N'este momento ouviram-se algumas vozes no quarto visinho; fallava se com vivacidade, e bateram depois á porta. Elisa estremeceu; mas foi abrir immediatamente.

Era Simião Halliday, acompanhado d'um outro quacker, que apresentou-se

O corpo dessa infeliz, que presta cin- coenta e tres annos de serviço é todo coberto de signaes antigos dos suppli- cos de que era victima.

Velha, cançada, ainda teve de engor- dar os thesouros do seu antigo e bar- baro senhor, com a quantia de duzent- e e tantos mil reis, preço da tabella Cotegepe—Saraiva, com os competen- tes abatimentos.

Não vem appello declarar aqui o nome desse individuo, porque nós não batemos pessoas mas sim a maldicta instituição.

E' preciso addicionar que esse fazen- deiro barbaro assim como outros, per- tencem quasi sempre aos partidos que pregam idéas adeantadas e liberaes.

Não sabemos si estas liberdades con- dicionaes ou promessa de liberdade, melhorarão de algum modo a vida des- ses infelizes, que são obrigados a tra- balhar para os seus antigos algozes.

A maior parte dos fazendeiros bru- tos por natureza, brutos por educação acostumados a serem obedecidos e a vi- brarem o açoute á sua vontade, não podem de modo algum offerecer ga- rantia a esses infelizes individuos que, vivendo sem protecção no mundo, pre- cisam trabalhar de só a só para enri- quecer seus antigos senhores.

Si todos os senhores de escravos fossem humanos, não os matassem á fome, nudez e martyrios immoderados, não teria razão de ser o abolicionismo.

E' preciso que os nossos companhei- ros de trabalho do interior, vão pre- gando a greve e destruindo essas bas- tilhas que não tem razão de ser no se- culo XIX.

Quem trabalha quer ser remunera- do.

Trabalhar a vida inteira unicamen- te para enriquecer um individuo, vi- vendo na mais completa miseria, é lo- cura.

Assassinato de escravos

Distano, transcreveu... que a policia... obrigado a... que tinham re-

outra, o Diario de Campinas foi mal informado.

A verdade do facto é a seguinte:

Do districto de Bragança, no lugar denominado Vargem Grande, de uma fazenda pertencente á Antonio Manoel Gonçalves, vinte e dous escravos de ambos os sexos fugiram em direcção ao Amparo, onde permaneceram por algum tempo; não como quilombolas, mas em fazenda de um escrivocrata a quem foram pedir protecção.

O delegado de policia do Amparo sr. Romão Leomil, filho de um antigo negociante de escravos desta cidade, e sobrinho de um mercador de africanos que chagava a atacar a policia em Santos, por querer impedir o trafico illicito dos mesmos, mandou cercar diver- sas fazendas para apprehensão desses in- felizes.

Atacados pela policia, foram esses in- felizes guiados para a fazenda de Pedro Ferreira da Silveira, morador em Jacutinga; este não querendo tel-os em sua casa, mandou para a de seu irmão José Vicente Ferreira, tambem fazen- deiro.

Este fazendeiro escreveu uma carta ao intitulado senhor desses infelizes e este mandou seu genro Carneiro, o administrador Luiz de Castro e outros capangas João Maria, José Firmino, A ves feitor do Totó Gonçalves, Theo- doro Tybiano, Jacintho Tybiano e esta recula de assassinos encontraram os escr- avos pacificamente em uma casa per- to da do fazendeiro, e sem que houves- se a menor resistencia da parte del- les, foram atacando-os a tiros e bordoa- das.

Ficaram mortos um escravo e uma rapariguinhac om uma bala no umbigo, ficando um preto mortalmente ferido.

Depois que praticaram todas essas sortes de attentados, fugiram todos e vieram encastellar-se em Bragança, on- de esperam viver impunemente.

Naturalmente algum interessado em encobrir a verdade dos factos foi á Cam- pinas dar falsa noticia da existencia de um quilombo

Segundo estamos informados por pessoa fidedigna, quem mandou fazer logo sobre os escravos, foi o celeberrimo Carneiro portuguez, que ha pou- co tempo casou-se com a filha de An- tonio Manoel Gonçalves

Não sabemos quem é a auctoridade

de S. Antonio do Jacutinga; a verdade porém é, que violencias dessa ordem nunca deveriam ser toleradas por auc- toridades sensatas.

Vamos remetter todos os documen- tos necessarios ao Senado, para que se peça providencias ao governo no senti- do de serem punidos esses assassinos.

Carneiro andou aqui em S. Paulo, mas nesta cidade conservava-se de ore- lhas baixas, tanto assim que tendo nós encontrado por vezes com esse indivi- duo, não tivemos occasião de ouvir os seus rompantes para dar-lhe uma lição de mestre.

Esperamos, porém, que o povo de Jacutinga vingará a morte desses infelizes.

Eis a verdade dos factos; e o Dia- rio de Campinas foi mal informado, querendo acobertar o assassinato de pessoas desarmadas com historias de quilombos.

11 de Agosto

Na forma do costume fizeram, quinta- feira, os estudantes da Faculdade de Direito a sua festa, denominada, 11 de Agosto.

O que houve de mais notavel, foram algumas cartas de liberdade, conferidas a alguns infelizes escravos.

Não deixamos de ficar compadecidos, vendo o estado um tanto ridiculo, com que esses miseraveis se apresentaram para receber as cartas de liberdade.

Entre elles existia um pobre preto africano, livre por ser importado depois da lei, trazendo na cabeça uma immensa cartola toda arrepiada, fazendo ver ao publico que depois de cincoenta annos de trabalho, entra para a liberdade sem nem ao menos trazer do captivoiro roupa para vestir.

No entretanto, consta-nos que os estudantes compraram essas liberdades.

Tambem som s informados que o conselheiro Leocicio, tendo assignado 100\$000 para o Livro de Ouro da Academia recebeu 450\$000 do mesmo livro, para dar a liberdade a uma preta velhusca assistindo dos serviços dos ingenheiros, como se pudesse receber dinheiro para desistencia de ingenhos.

Ha tempos depositamos certa quan- tia para libertar um pardo ainda moço, de nome João Antonio e até

solução a essa causa.

Não seria justo que esse conselheiro, para commemorar esse foco de luz que se chama—Academia de S. Paulo, des- se liberdade a esse infeliz?

O partido liberal de S. Paulo, tem feito uma triste figura nessa questão de elemento servil.

Em todas as partes de nossa provin- cia, a iniciativa das liberdades tem partido dos conservadores.

Os estudantes da faculdade de Direito fizeram o que puderam para commo- rar dignamente o anniversario da creação dos cursos juridicos do Imperio.

Santa Casa de Misericordia

Pela primeira vez, fomos, quinta-fei- ra, á Santa Casa de Misericordia desta cidade.

Achamos o edificio bem construido, espaçoso, arejado, e feito com todas as regras da arte.

Não pudemos percorrel-o todo, por- que não houve quem nos mostrasse.

Só na sala de espera, estivemos se- guramente uma hora, porque o infeliz que iamõs visitar estava incommuni- cavel e só podiamõs fallar com elle acom- panhado por um medico.

Ahi estivemos durante todo esse tem- po examinando diversos retratos de be- nemeritos que têm concorrido com o seu dinheiro para aquella santa instituição.

Entre esses retratos vimos um de um padre, que em vez de concor- rer com dinheiro para augmento da- quella humanitaria instituição deu um excellento rombo, ao ponto de ser preciso hoje estar-se derrubando a igreja da Misericordia, e revolver-se as sep- ulturas onde descaçam tantos bene- meritos de nossa patria, para com a venda desse edificio, tampar-se esse enorme deficit.

Quando estivemos, uma vez, no Rio de Janeiro, fomos visitar na Secretaria da Policia, o dr. Ludgero. O nosso collega de anno dr. Benevides, delega- do, mostrou-nos os retratos de todos os individuos que mais têm incommo- dado a policia e então fizemos o reparo de que a maior parte desses individuos tinham o nariz arrebitado.

Não sabemos porque razão entrando

nõs naquella sala de espera, lembramos- nos da Secretaria da Policia do Rio de Janeiro.

A historia deve ser a relação de fac- tos veridicos, e não é licito que se misture com os retratos de benemeritos da Santa Casa como o Marquez de Itú, Marquez de Tres Rios, Rendon e ou- tros benemeritos, individuos que só deram prejuizos áquelle estabelecimen- to.

D'aqui a duzentos annos, quando al- guem quizer escrever a historia da Santa Casa de Misericordia, naturalmente terá de orientar os seus escriptos pelos retratos que alli estão collocados.

E, se nós não fizemos este protesto, naturalmente tem de se escrever que todos alli foram fundadores daquelle instituição, quando um só delles serviu para prejudicála

Seria bom, que o honrado provedor da Santa Casa, com quem não sym- pathisamos, por republicano-escravocrata, não tivesse pregor este exem- plar da Redempção em cima daquell- retrato para servir de protesto a qual- quer invidade que possa conter a historia da Santa Casa de Misericordia.

O governo e a liberdade

Contrista-nos seriamente a narraçõ dos factos de perseguição á liberdade individual, occorridos ultimamente na Cõrte

O senado, a mais elevada corpora- ção politica do paiz, negou a sua con- fiança ao governo imperial, pelo facto de ter este abusado do poder, mandan- do recrutar pessoas livres.

O governo não se deu por achado, apesar do voto do senado ser a genu- inna expressão da maioria do paiz, em semelhante assumpto.

Então o povo, para convencer a esse governo, negro moral e physicamente, reuniu-se para protestar, dentro das orbitas legais, contra os abusos com- metidos, e para provar que o voto do senado era de accordo com a opi- nião nacional.

O governo, ainda abusando do poder e com manifesta infracção do art. 179, n. 4 da Constituição Política do Impe- rio, combinado com o art. 9 § 4º do Codigo Criminal, atrepelou o

Estamõs em um paiz constituido, ou em uma tribo de selvagens?

A liberdade do escravo hoje é tão ne- cessaria para o Brazil, quanto o é o sangue para a vida humana

O Brazil com escravos é um paiz sem sangue, sem brio, sem caracter; e disso está convencida a maioria da nação

Portanto, o governo perde o seu tempo em maltratar o povo que quer a felicidade de sua patria.

Lembrem-se os srs. ministros do so- lenne e tremendo fiasco que fizeram na questão militar. A luta era então com uma classe, mas hoje ella está aberta com a nação, por isso as con- sequencias não poderão ser tão sup- portaveis, como foram na referida ques- tão.

O senado não terá talvez mais força para offerecer ao governo uma ponte, por onde elle escape ás maldições dos opprimidos de hontem, e dos vence- dores de hoje.

Tenham juizo. srs. ministros, e leiam o que disse um publicista:

—A faculdade de fallar ou trans- mittir os nossos pensamentos por meio de sons articulados, é uma consequen- cia da nossa organização e constitue um direito natural, do qual se não podia esbulhar os homens, quando forma- ram a sociedade civil, sem renun- ciarem á sua qualidade de entes racio- naes, e se aviltarem á classe dos brutos.

O Bimburribá

Não sabemos quem teve a idéa de remetter a esta redacção um numero do indecente jornal que se publica em Rezende.

Como hoje amanhecemos indisposto precisavamos de um purgante, resol- vemos lêr essa folha, que para nós faz vcomo tantas outras, o effeito da açafe- tida ou sal amargo.

Economisamos meia pataca com a leitura d'essa purgante.

Um jornal que se publica uma vez por semana, não tem materia que chame a attenção de seus leitores.

Occupu a primeira pagina com uma historia sem graça, sob o titulo: Ta- mancos do Gatto

A quarta com annuncios de remedios.

A segunda com os trabalhos da cama- ra municipal.

A terceira com um immenso edital para vendas de escravos por preço su- perior á tabella

Ora, assim pôde-se ter um jornal!

Segundo nos consta, esse jornal per- tence ad.us portuguezes, e os portuguez- zes foram os introductores de escravos neste paiz; por isso é rarissimo o que professa idéas adiantadas como as da abolição da escravidão.

Se bem que a leitura desse jornal se- ja para nós um purgante é comtudo de tal força que fomos a banca perto de trinta vezes Sebo! Sebo!

Quando nos remetterem esse jornal, por caridade mandem-nos uns seis para se poder economisar o Guayta- cazes, que já temos pouco.

La patrie est en danger!

Em vista dos ultimos successos oco- rridos na Cõrte, ficamos em precarias circumstancias, podendo-se diser como os patriotas francezes: a patria está em perigo!

A direcção do imperio entregue ao partido da ordem (sic) e ao desbragado ministerio Cotegepe nos trará funestis- simas consequencias, desde que um poder dictatorial trata de balde de op- pôr um dique ás aspirações do paiz, e para salvar a salvação dos interesses dos exploradores da carne humana procura abafar a voz do povo tão paciente em receber tantos ultrajes.

Elle cogita e põe em acção todos os meios reprovados; e para nossa maior vergonha, "brazileiros sem o menor sentimento de patriotismo e humanidade, se prestam á servir de executores da inquisição escravista contribuindo para maior humilhação do solo onde nas- ceram.

Repercutio-se em todo o imperio os echos tristes dos gemidos das victimas dos potentados, e esses echos foram correspondidos pelos brados da indig- nação que perturba os animos dos cida- dãos pacificos

A reacção se fará sentir; todo o paiz se convulsionará para deitar por terra a execranda instituição com seus ultimos defensores.

A caterva dos negreiros será a unica sponsavel pelo sangue que ha de lavar

vez que fecharam os ouvidos á opinião publica e que desprezaram a soberania da nação mandando espaldeirar o povo inerme.

O procedimento perverso do governo nos obriga a reagir e vingar o opprobrio e a triste condição a que elle nos reduzio, procurando tolher a liberdade de man- ifestação e o direito do voto garantidos pela constituição.

Se a Regente pactua com os recentes actos de seu governo, e se não der uma satisfação ao povo, pela retirada do ministerio mais servil e odiado, pela opinião publica, compartilhará tambem com as consequencias futuras e verá senão destruido, ao menos seriamente abalado o throno onde não soube se as- sentar.

Os brazileiros estarão á postos e sacrificarão tudo, para garantia de sua liberdade.

CATÃO.

Os meetings e a capitulação do governo

A Gazeta de Noticias publicou - no dia 11 do corrente, um telegramma expedido desta capital communican- do que na tarde desse mesmo dia rea- lizar-se-hia um meeting no Theatro Provisorio desta Capital, para protes- tar contra actos do governo.

E com effeito com grande concurso de povo effectnou-se a alludida reunião, proferindo energicos e eloquentes dis- cursos os drs. Antonio Carlos, Rangel Pestana, Brazillio Machado, Martim Francisco, Bueno de Andrade, Muniz de Souza e Cimaco Barboza.

Por unanimidade de votos dos ci- dãos foi approvada a seguinte moção proposta pelo dr. Martim Francisco: «O povo da capital da provincia de S. Paulo, reunido em assembléa popu- lar, declara reprovar altamente a reso- lução em que parece se achar o gover- no central de impedir a livre manifesta- ção da opinião, sobre os actos do mes- mo governo.

E ainda mais, declara estar disposto a manter por todos os meios, o direito que a lei lhe garante, de discutir em assembléas publicas, os actos do gover- no.»

A energica e patriótica moção redi- gida e approvada pelo civismo paulista,

não se limita a censurar a politica do governo, promette manter por todos os meios o direito que a lei garante aos cidadãos, de discutir em assem- bléas publicas, os actos do governo.

A resolução do povo paulista não podia ser mais decisiva e nã a lingua- gem mais expressiva.

Consagrando a doutrina da verda- deira liberdade politica folgamos em- poder registrar o assentimento que lhe prestou hontem o Liberal Paulis- ta.

Embora não comparecesse a reunião o directorio do partido liberal esposou desta arte a causa popular.

A policia não se fez representar de modo algum.

Não houve movimento de tropas em attitude ameaçadora.

A auctoridade cumpriu portanto o seu dever não se intromettendo onde não era chamada.

O meeting foi porém préviamente an- nunciado para o fim de se protestar contra actos do governo.

Orando no Senaado em sessão de 8 do corrente—o sr. ministro da justiça declarou terminantemente que as unicas reuniões permittidas são a do povo des- armado e pacifico—reconhecidas e legiti- madas pela lei, não para protestar por taes meios contra os poderes publi- cos, mas sómente para reclamar, contra as injustiças, vexações e máu procedi- mento dos empregados.

E accrescentou:—

«Mal havia a nação se a lei houves- se de ser feita na praça publica, e nella tivesse os actos do governo de ser apreciados por tal forma.»

A perseguição exercida na Cõrte, e a tolerancia aqui observada revela que o governo ou não tem plano nem uni- dade administrativa ou capitulou tris- temente, reconhecendo-se desprestigia- do e sem força.

Scenas da escravidão!

Vinha rajando o primeiro dia do mez de Agosto de 18...

O sol que expellindo os seus primei- ros raios sobre a terra communicava um brilho diamantino ás gotas de orvalho que tremulavam nas pétalas das flores, era n'esse momento

de ramo a ramo, cantavam aca- mente; o sardo rumor da floresta e o ruido do campo formavam essa muzica singular e selvaticamente agradável, que o homem inebriado escuta sem comprehender.

De repente, porem, ovio-se dous fortes latidos que, repetidos pelos echos assemelhavam se aos de uma grande e furiosa matilha; os passaros fugiram assustados e a misteriosa muzica ces- sou como por encanto.

Irrompendo do matto appareceu n'uma clareira, no centro da floresta, um negro que, pela roupa de algodão marcada com tinta indelevel, conhe- cia-se ser de condição escrava.

Este preto de oito palmos de altura, hombros largos e musculosos, parecia dotado de força herculea; trazia na mão direita uma fouce e de sua larga frente corria um fio de suor.

Lançou um olhar em redor de si e vendo um enorme queitiba cujo tronco era tão grosso que dous homens não e poderiam abraçar, dirijio-se para alli e encostando-se a elle, exclamou:

Ah! meu caro senhor, morrerai aqui, mas hei de vender cara a minha vida, pois que dá-me caça como se eu foss- um animal feroz!!!

Quando mal acabava de pronunciar estas palavras, precipitou-se dentro da clareira um enorme e terrivel que tinha os olhos injectados, e bocejo e bocca cobertos de sangrenta espuma, apoz elle appareceram uns doze ho- mens armados até os dentes.

Olá! grito u um d'elles, ao ver a atti- tude hostil do negro, continúa ainda á defender-se!

Pois bem, á elle Nero!

O cão, assim agulado, saltou sobre o negro, porem este afastando-se para o lado, fe-lo bater com os peitos na ar- vore e descarregando terrivel foçada, abriu o craneo do pobre animal.

Amarrem-me esse cão, gritou o ho- mem que primeiro falara e que não era outro senão o fazendeiro; os capitães de matto fizeram um movimento para agarrar o negro que, descrevendo ver- tiginosos semi-circulos com a fouce, conservou-se em respeitosa distancia.

Tem medo covardes!! berrou ain- da o fazendeiro vendo que os seus si- carios não se atreviam á aproximar-se do negro, pois então serei eu quem o ha de agarrar e engatilhando a espina-

Au Bon Diable

Enxovaes completos, para collegiaes

Rua Direita, 49

SINITE PARVULUS VENIRE AD ME

AU BON DIABLE

Rayon especial de roupinhas para creanças

Sortimento colossal—UNICA DA PROVINCIA—Preços da importação

Au Bon Diable

Camisas, ceroulas e meias para creanças

Rua Direita, 49

garda avançou para o colosso, dizen-

do-lhe: Entregate ou morres, maroto! Ao meu senhor entregar-me hei, respon-

A. SATIERY.

Meeting

Quinta feira, reuniu-se um crescido numero de pessoas, no theatro Provisorio.

Fallaram diversos oradores do partido republicano e do partido liberal resistente.

Notamos a ausencia dos liberaes Moreiristas, Gavionistas, e Queirozistas.

Parece-nos que esses liberaes concordam com tudo que o governo conservador faz, contando que seja para eternisar a instituição negra.

Tinhamos basculhado os nossos ouvidos, e estavam lá com a maior attenção do mundo, esperando a eloquente palavra do Leoncio, da instrução, mas qual, o homem cazado na familia Queiroz, esquece que acima da instrução está a libertação do nosso paiz.

O Leoncio tem costume de só fazer discursos de effeitos para receber ovações academicas.

E' especialidade sua. Agora que se trata de liberdade do

Tambem não fizeram falta; por que onde fallam Antonio Carlos, Rangel Pestana e Brazilio Machado, os Leoncios, Moreirinhas, Gaviões e Queirozes, fazem sempre papel secundario.

O que houve e o que resolveram já noticiaram os jornaes da semana.

Notamos pouca concurrencia; naturalmente devido ao facto de ter-se marcado hora impropria, e ser dia de festa de estudantes e beneficio do eminente artista Emanuel.

Amparo

Consta-nos que ha tempos vive sob a mais horrivel pressão Francisco Tristão só porque é francamente abolicionista. Somos informados que mesmo os seus parentes lhe declaram uma guerra cruel, por lhe conhecerem essa qualidade que para elles é um crime.

Francisco Tristão é o unico ramo verde d'essa immensa arvore esteril, secca e carcomida, denominada familia Cintra.

Era preciso que essa familia que tantos males tem feito em todos os logares em que têm vivido, se salvasse: foi Deus servido em dar-lhe um anjo da guarda que os guiasse para o caminho do bem.

Elles que pensam que vieram ao mundo, só para fazer o mal, não comprehendem que do espinho nasce a rosa.

Francisco Tristão, ameaçado por sicarios escravocratas não encontra nem em sua propria familia o apoio que nasce da natureza.

Em cada parente vê esse moço uma féra que lhe quer tomar satisfação porque abraçou a mais santa causa do mundo—a redempção dos escravos.

Caminhe sem receio, joven que em cada abolicionista encontrarás um admirador; trabalhae sem medo, desabuse essas patifes que querem eternisar a escravidão.

A morte foi creada por Deus para fazer desaparecer inutilidades que occupam espaço, porque era preciso que o espaço fosse occupado por alguma cousa

Tanto povôa o mundo o burro, o boi, a besta e o porco, como o homem útil que vive só para si. Quem acre-

dita em mim, disse Christo não morrerá eternamente.

Aquelles que no mundo abraçam as grandes causas não morrem. porque a morte foi creada para seres inuteis. Não percas a coragem, que, es es que hoje te guerream e te ameaçam com a morte, amanhã se honrarão em serem teus parentes.

Trabalhae sem medo, que Deus vela por ti.

Beneficio de Emmanuel

O Carreio Paulistano quanto mais velho fica mais caduco se mostra.

Descrevendo o que deu-se no beneficio do insigne artista Emanuel, mostra-se zangado por ter esse artista ao dar duas cartas de liberdade em o discurso que proferiu feito algumas insinuações aos escravocratas e então escreve o seguinte:

Pena foi que o beneficiado se esquecesse de que estava em um paiz estrangeiro e de que não devia envolver-se em uma questão domestica e de actualidade, dirigindo a lusoês a uma importante classe da sociedade brasileira.

Que classe importante é essa da sociedade brasileira?

Ora este correio nunca hade tomar juizo!

A couza que mais pode infamar ao homem e ser escravocrata.

Emanuel com o seu trabalho deu liberdade a dois brasileiros e praticando esse acto de nobreza fez o contrario do que fazem muitos estrangeiros que compra brasileiros para meter o bacalhau.

Um individuo que hoje é eleitor e pôde ser até ministro podia antes ter sido comprado por um estrangeiro e surrado por este a bacalhau.

O Correio se não fosse caduco, nunca haveria feito insinuações a estrangeiros que vem civilisar-nos.

Perdoai Emmanuel a esse pobre velho, porque a sua massa encephalica está em decomposição.

Parahybuna

Sem sciencia do Redactor, d'este jornal, foi publicada ha dias uma correspondencia d'aquella localidade e somos informados que esse communicado foi entregue por um canalha a nossa Redacção. Já preveni os encarregados da administração do nosso jornal que não publiquem couza alguma sem primeiro ser visto por nós.

Ha capitães de matto de diversas qualidades e no numero d'elles está esse cachorro que abusou da boa fé do nosso gerente com o fim de redicularisar os abolicionistas. Naturalmente esse individuo está gastando em algum conventillo o ganho d'esse serviço.

CORRESPONDENCIAS

Araraquara 7 de Agosto de 1887

Horror!!

Hoje as 11 horas observei o povo miudo agitado perto da cadeia e tive curiosidade de saber a cauza d'aquelle reboliço mas como sou desconhecido no lugar não quiz interrogar pessoa alguma; meia hora depois eu estive no armazem do Jesé Pedro, chegou um homem grande, que cavalgava um sendeiro grande, apeou-se e disse: messa uma pinga, o que foi attendido; este personagem virou o copo, e em seguida disse: arre diabo esta noite não durmi, estive de tocaia para pegar um negro fugido que appareceu na fazenda as 10 horas; peguei o patife que me disse ser forro, mas eu que conheço esta gente de-lhe as calças e disse que elle tomaria bacalhau até contar quem é seu senhor elle respondeu sou escravo de um republicano do Balem, chamado sr. coronel Figueiredo; então parei a noite guardando o bicho até amanhecer, e agora mesmo entreguei o tratante na cadeia.

O sr. bem podia dormir fechando o negro na cadeia da fazenda disse um

sujeito que não conheço, não podia respondeu elle; a cadeia está occupada com dois negros que estão em castigos; qualquer dos dois neste um mez não vestem calças, e creiam os senhores que nunca estes negros forão tão bem beneficiados como agora, segundo me disse a patroa, que na fazenda só tem um feitor que como eu sabia tocar um bacalhau e como o que é bom dura pouco foi morto por um escravo; venha mais um copo, disse o herdeiro, recebendo virou, e despejouse; elle estava a pequena distancia e um dos constantes perguntava a outro: quem é este typo? teve a resp sta seguinte: é Juca biscoito, mentiroso, poaia, surrado de negros, e feitor de d. Luciana; esta mesma é tyranza para escravos, tem na fazenda uma cadeia muito forte com os competentes aparelhos de suplicio para os miseros escravos, e ahi recebe escravos dos vizinhos para castigar, e eu scismo que um dos dois escravos que estão no castigo é do Zéca Germano, filho da velha e nada lhe acontece porque é muito rica e tem familia grande, e um filho della é chefe do partido, porisso elle está livre de geada, e nem a Redempção bolle com ella.

A Escravidão dos velhos

CAÇAPAVA

Este norte de S. Paulo é ainda uma terra á parte da communhão brasileira. O que se passa nos centros civilizados, não acha echo aqui, nem na justiça nem nos particulares.

O ex-fazendeiro tenente coronel José Ramos, tem, como Valladões e outros muitos outros africanos maiores de 60 annos, ainda no captivo, quando elles e seus descendentes, em outros logares aonde ha juizes que executam a lei, estariam livres tanto uns como outros. Aqui não se pensa desse modo. O nosso juiz municipal não dá um passo para alguma para a execução dessas leis que outros ex cutam, porque, sendo fazendeiro, como é, não quer que lhe toquem na instituição escrava, e por isso á cego e surdo a tudo quanto se passa contra essa raça condemnada.

No domingo, 7, o sexagenario João Gafanhoto e sua mulher foram pedir ro sr. tenente-coronel, cobertor para se cobrirem; não lho deu, antes quiz espancálos, e retrurquiu-lhe João Gafanhoto, que, por não lhe dar cobertor não precisava espancálos. A vista deste crime de desobediencia, mandou-os para a cadeia, acompanhados de um seu parente Justo e dos policiaes. Depois mandou-os trabalhar fóra.

Tem 15 africanos maiores, alguns já quasi invalidos e ainda assim não abrem nesta redondeza. Se houvesse quem averiguasse aqui os escravos de filiação desconhecida, grande parte ficariam livres.

Os poucos que aqui se interessam pela emancipação da raça escrava, não podem fazer o que fazem outros noutras localidades, porque ficariam em unidade.

Clamem, Clamem até serem ouvidos!! porque aqui fica alerta.

O LANTERNA.

SECÇÃO ESPECIAL

Chronica de...

Faz annoe em Jacutinga o celeberrimo Pedro Mar, verdade-iro typo de Atibaiano pelo costume traçoeteiro, proprio da familia dos ditos Marees.

Em Bragança, faz annos, o Antonio Manoel Gonçalves, pagando agora o que tem feito ás viuvas e orphans.

Em Jacutinga, fez annos o celeberrimo gallego Carneiro, até que entre para a cadeia; no mesmo logar fazem annos os assassinos e capangas do Antonio do Padre.

Faz annos no Amparo, o delegado de policia, Romão Leomil, fazendo nesta capital o tio, que foi vendedor de escravos, e ficando esperado o pae em Santos, para fazer annos quando se permittir o trafico de africanos.

Nesta capital, faz annos, o Pacau, ficando esperados os seus protectores.

Faz annos, nesta capital, por ataque e a varejo os liberaes escravocratas.

Faz annos, em Lorena, apesar do protesto, o delegado de policia, por ser barba para seus escravos.

Faz annos, em Caçapava o tenente-coronel José Ramos.

No mesmo logar, duas horas depois, faz annos o juiz municipal, fazendeiro escravocrata.

Faz annos o carcereiro da cadeia, por prender pobres pretos por ordem dos senhores, ficando esperadas as autoridades policiaes até segunda ordem.

Em Tatuhy faz annos, o Dr. Cariolano Dutra, até que pague o imposto pela introdução de escravos na provincia.

Em Campinas, faz annos, o Damaso (ora bollas) Xavier da Silva.

Faz annos, nesta Capital s forriel Americo, até ser rebaixado do posto.

Em Taubaté, faz annos, o João Leandro.

Ficam esperados na mesma cidade, os liberaes atrasados.

O Mané de Deus, faz annos com esse nome, para fazer depois no outro mundo, com o nome Mané do Diabo.

Faz annos nesta cidade, os liberaes que dizindo-se resistentes, pegam causas contra a liberdade.

Em Botucatu, falta pessoal para fazer annos, por isso todos ficam esperados.

O major Batata continua a fazer annos, em todos os logares por onde andar.

Faz annos os republicanos, que não apreciam a Redempção porque não prega...

Faz annos, em Araraquara, João Gavião, feitor da fazenda denominada Anhumas, por ser capitão do matto, viado á villa á cata de pretos fugidos.

Faz annos, no mesmo logar, o chefe da estação e a negra do José Sabino.

Faz annos em S. José do Parahytinga, o Juca Domingues, vulgo parente nho, por ter como capitão do matto, agarrado um pobre preto, que estava em frente á sua casa e o conduz a Jacarehy a Joaquim Alves, que tambem faz annos.

Tambem fazem annos, o leitãozinho e um sacco do café que gathou o parentinho de S. José do Parahytinga.

N Guararema continúa a fazer annos o portuguez da Costa d'Africa Paiva, apesar de assignar a Redempção.

Em Piracicaba faz annos, o potentado Serra Negra.

Faz annos, em Piracicaba, Francisco Rodrigues, capitão de policia, esperada a sua ceroulia para quando for lavada.

Em sorocaba faz annos o portuguez Zé Calpura, antigo vendedor de carne humana, ficando esperadas Agueda e Ricardina para serem vendidas depois que crearem os filhos.

Faz annos tambem em Sorocaba Leonidas Lopes de Oliveira, em cujo sitio se accetam pretos para surrar.

Fica esperado para fazer annos quando ressussitar o furado Bento José Ribeiro.

Em Campo Largo de Sorocaba, faz annos, Martinho Pires, que faz o seu engenho ou engenhoca ser virado por escravos á força de relho.

Mathias Mauricio de Madureira, faz annos, com chronica, em Sorocaba e depois de escrever a sua chronica, tornará a fazer annos.

Em Una, faz annos, o alferes Salvador Rolim de Freitas, mercador de escravos.

Faz annos no mesmo logar, o capitão do matto Antonio Bruno, conhecido por Pau pe Embira.

Tambem faz annos, Francisco Ferro, capenga de Rolim.

Faz annos, em Una, o Peroba, delegado de policia e capitão do matto.

Faz annos, em Jundiaby, o portugua Alvaro Xavier de Souza Peixoto, por ter vendido seus escravos, para soffrerem em Botucatu.

O Alfredo Damazio, faz annos em Jundiaby por ter um preto em ferros quando todos estão libertando.

Fazem annos, todos os grandes da provincia que são ricos á custa do suor do escravos.

Faz annos, em Bragança, o nariz do Chico Triste.

Nesta cidade o beigo do Munhoz.

To Amparo, a cartola do Zé Batata.

Na Rua de S. Bento, nesta capital, o rabinho da sobrecasaca do dentista Guimarães.

Em Campinas os sapatos do Damaso (ora bollas).

Em Taubaté, o queixo do Mané de Deus.

Em Taubaté, a careca do Lobato.

SECÇÃO PARTICULAR

Com vistas ao Correio

O correio ultimamente tem barateado elogios em noticiar a chegada de uns burros mancos, que por casualidade e falta de pasto tem procurado a Capital. Foi assim que chegou do interior da Provincia uma parrelha de burros pelados o celebre capitão Tiberio, conhecido por tio Antonio e o alferes Mané Jacuba, e o Correio, sem mais nem menos, acreditando em informações duvidosas, foi lhes dando o qualificativo de amigo e correligionario, pois, fiqu sabendo que a sua boa fé foi illudida porquanto o capitão Tiberio, e o alferes Mané Jacuba, são individuos sem vergonha, relapsos, pasquineros e indignos de apertar as mãos do Correio, vivendo de uma pequena lavoura que mal lhes dá para uma calca de algodão trançado, não passando deper versos caboclos de sitio.

Esses individuos são de tal jaez que já deverião estar de calca aos pés: isto mostrará a chronica d'esses patifes, que está no prelo.

ANNUNCIOS

Grande

foi o sortimento de calçados que da Corte trouxe agora o proprietario do Guarany

De entre a enorme variedade especialisaremos os seguintes e afamados autores: CLARK, para homem e senhora; BOSTOK, idem; POLLAK VENCEDOR; idem; e muitos outros, vende-se tudo com grande redução de preços, por ter o annunciante feito grandes e vantajosa compras.

AO GUARANY

42—RUA DA IMPERATRIZ—42

TIETÉ

Em frente a cadeia

Assucar alvo, 15 kilos 4\$400, 1 kilo 360 réis.

Laranjas de qualidade, 1 cento 400 réis, mil 3\$000.

Só a dinheiro

IMPERIAL LOJA DO ROCHA
20-Rua da Imperatriz-20
Este importante estabelecimento, recebeu um variadissimo sortimento de calçados finos para homens, senhoras e crianças. Continúa a ser o unico depositario dos calçados Clark & Comp.; tem a melhor fabrica de calçados desta capital.
Imperial Loja do Rocha
20-Rua da Imperatriz-20

A PRINCEZA DO NORTE

9--RUA DIREITA--9

ANTIGA MASCOTTE
DIAS LEAL & FILHOS

têm a subida honra de participar ao respeitavel e illustrado publico desta briosa capital, bem como às exmas. familias do interior, que abriram um importante estabelecimento de fazendas de lei e de phantasia, armarihuo, modas, etc., etc.

Tudo novo! Magnifico! Deslumbrante!

A concurrencia de preços, bem como a especialidade rara no nosso **Enorme sortimento**, habilita-nos a vender qualquer artigo concernente ao nosso vasto negocio por menos do que poderá ser vendido em outra qualquer parte.

A PRINCEZA DO NORTE

é sem a menor contestação o estabelecimento mais importante no seu genero, nesta cidade; e, sendo já assás conhecidos os seus proprietarios, esperam merecer o valioso concurso das respeitabilissimas familias em geral.

GRANDE VARIÉDADA

do que ha de melhor em cretones, chitas, morins, brins, flannels, chales, fichús, rendas, lãs, popelines, nanzoucks, botões, galões de phantasia, algodões colchas e cobertores. Desde o seu começo esta casa vae encetar o seu systema de vender por preços incriveis e inimitaveis l...

A PRINCEZA DO NORTE

ANTIGA MASCOTTE

QUASI EM FRENTE AO ZURVO

9, RUA DIREITA

RUA DIREITA, 9

A La Belle Jardinière

GRANDE SORTIMENTO DE ROUPA PARA INVERNO

Sobretudos de ca-
semira franceza, for-
rada de seda la dernie-
re mode, sobretudos de
panno piloto, castor
e diagonal.

Cavours, ponches,
polainas impermea-
veis a 8\$000!! An-
derson Abotti, fabri-
cante em
Londres



Chales mantas, col-
letes de malha, cober-
tores para viagem,
lenços de seda e de lã
e muitos outros arti-
gos proprios para o
frio.

Costumes á mari-
nheira e de casemi-
ra, sobretudos, ca-
misas de meias, gra-
vatas, collarinhos pa-
ra crianças de 3 a
12 annos.

A LA BELLE JARDINIÈRE

30--RUA DE SÃO BENTO--30

TELEPHONE, 65--EM FRENTE AO GRANDE HOTEL

A. LINO & COMP.